



O CORRECTO É INIMIGO DA MEDIOCRIDADE

“O óptimo é inimigo do bom”

Adágio popular

Vivemos tempos difíceis que segundo alguns, são fruto de uma crise, outros de uma conjuntura internacional, outros fruto da globalização, e outras razões. Isto tem consequências para a forma como o mundo hoje é gerido em que os padrões de qualidade do pensamento tem vindo a decrescer, em aparente contradição com um mundo tão rico em informação.

Pessoalmente acho que é fruto de tudo um pouco e principalmente de uma banalização da mediocridade como critério de referência. Ao criarmos uma sociedade abundante, em excesso, de informação e sem darmos a possibilidade a que essa sociedade desenvolvesse mecanismos para poder gerir essa abundância de uma forma produtiva, esmagamos as pessoas em informação, criando um paradoxo em que a informação em vez de gerar pessoas informadas, cria ignorantes. Mas porque é que isto acontece? Para mim esta é sempre a pergunta que me anima quando uma coisa acontece, e que é entender em primeiro lugar as razões para depois definir soluções. A razão será a qualidade da classe política, das elites intelectuais ou de outros dirigentes? Em parte sim e em parte não. Sim, porque uma parte significativa daqueles que hoje nos dirigem provem de uma classe que se desenvolveu e instalou não por mérito das suas qualidades mas, exactamente pelo oposto e porque são parasitas que sobrevivem, florescendo à luz que acordos internos de grupos de gestão de “políticas pessoais”, ou seja lobbys, seja de organizações formais ou informais. Mas como é que é possível hoje em dia e após tudo o que a humanidade passou neste último século se possa ter generalizado a mediocridade como forma normal de estar e agir? Aqui entra a resposta em “não. Penso que a resposta reside numa análise cuidadosa dos próprios fenómenos a que assistimos neste último século, e que claro está, não se encontram nos livros de história mas nas entrelinhas da mesma, que reflectem uma luta profunda e extremada entre as forças que desejam o bem da humanidade e aquelas que a pretendem escravizar, mesmo que essa escravidão seja auto-imposta, por ser a mais eficaz. A forma de controlar não é através da brutalidade, pois mais cedo, ou mais tarde, as populações revoltam-se. Mas se o controlo for feito por cada um a si mesmo, através de métodos insidiosos de manipulação e engenharia social, então o principal esforço daqueles que querem dominar será o de dar a cenoura que o “burro” faz o resto.

A informação não é conhecimento assim como o marmelo não é marmelada. A informação tem de ser trabalhada de uma forma adequada, científica, ética e há que aceitar que há conhecimento que interessa e outro que não. Dirão que tudo é importante mas eu direi que não. Que me interessa o conhecimento associado a técnicas de tortura, pois não pretendo torturar. Esse conhecimento não está em consonância com aquilo que quero da vida, assim como, por exemplo, a arte de enganar e manipular de que hoje há tão bons exemplos. É uma arte que eu não pretendo aprender pois considero-a isso indigna de ser humano. Dirão que conhecer a arte de enganar permite evitar o mentiroso ... bom, eu direi que sabendo que há o mentiroso não preciso de aprender o que ele sabe



mas, aquilo que eu deverei antes aprender, será usar de forma inteligente o conhecimento e a inteligência, pois a sua conjugação é que me vão permitir evitar a mentira, e não a mentira em si.

Aprender a mediocridade é o desejo dos medíocres, e deles nada há a esperar a não ser o nooso “desapontamento” pelas suas acções. Desejar a excelência e usar a inteligência e a informação de uma forma criativa, em prol dos outros em primeiro lugar, esperando o retrocesso que nos virá a presentear, abundantemente, é o que nos deve motivar.

Não há em escolher entre o correcto e o medíocre. A escolha já estava feita antes mesma da sua formulação e é óbvia!

Aqueles que optaram pelo estudo e ensino das artes marciais não podem deixar de estar atentos, como observadores, e actores sociais, como qualquer outro cidadão, a todas estas questões. Não podemos criar guetos de professores e estudantes das artes marciais e viver à parte da sociedade em que estamos inseridos. As opiniões podem ser diferentes, e essas diferenças são fonte de discussão e esclarecimento, mas isso não significa que devamos ter tolerância com o erro, com a mentira e com a mediocridade. Falam tão frequentemente do código do bushido, de cavalaria, e de sei lá que mais, mas no momento de agir e de fazer escolhas onde estão esses valores? Na boca de um “iluminado” ou na cabeça de cada um após uma reflexão séria?

A inteligência é algo de que não podemos abdicar. As escolhas não podem ser feitas pelos outros pois é uma responsabilidade nossa, e só uma decisão correcta nos pode levar a um destino adequado. O fio da navalha é estreito e cortante mas tem de ser percorrido sem hesitações e com pouca margem para erros, pois queiramos ou não, e não serve de nada mergulhar a cabeça na areia, ou olhar para o lado e assobiar, pois a onda virá e só os preparados irão resistir.

Lisboa, 5 de Dezembro de 2013